

# Mercadante dá os números. O BC deve procurar os nomes

Foi triste a reação do Ministério da Fazenda e do Banco Central à denúncia do deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) de que há cheiro de podre no movimento do câmbio no dia 12 de janeiro, véspera da desvalorização do real.

O que o deputado denunciou foi uma coisa simples, mas sua compreensão exige um pouco de paciência com o calendário de janeiro. O real foi desvalorizado na manhã de quarta-feira, 13 de janeiro. Até o fim da tarde de terça, dia 12, era possível comprar dólares a R\$ 1,20.

Mercadante mostrou que entre os dias 5 e 12 o sistema bancário vinha vendendo, na média, US\$ 808 milhões por dia.

FFHH optou pela desvalorização imediata (sem marcar uma data precisa) e convidou o economista Francisco Lopes no dia 7, quinta-feira. Esse segredo foi bem guardado até a noite de domingo, talvez até o fim da tarde de segunda-feira, dia 11. Na terça, quando Gustavo Franco chegou ao BC, já informado de que sairia no dia seguinte, surpreendeu-se ao ver funcionárias chorando.

Nesse dia, o mercado inverteu a mão. Em vez de vender US\$ 800 milhões, como vinha fazendo, terminou o expediente comprando US\$ 206 milhões. Uma reversão de US\$ 1 bilhão.

Só esse número seria suficiente para que o Banco Central investigasse o que aconteceu. Mercadante foi além. Mostrou conhecer o movimento diário das intrigantes operações cambiais de pelo menos nove bancos. Deu nome aos bois: Morgan, BBM, BEAL (Banco Europeu para a América Latina), ING, Garantia, Matrix, Pactual, Boston e Citi. (Mercadante dá o benefício da dúvida ao movimento do Citi, pois não há nele a irritante regularidade que se acentua nos outros.)



## O mapa de uma mina

Valores das operações de câmbio no início de janeiro, em US\$ milhões

Dia	Banco A vende	Banco B vende	Banco C vende
5	16,4	21,3	6,2
6	16,4	14,1	11,4
7	16,4	17,1	21,5
8*	16,5	13,1	15,1
11	16,5	17,1	18,2
12	compra 57,9	compra 26,1	compra 59

\* Os dias 9 e 10 foram sábado e domingo

Numa atitude louvável, o deputado se recusa a identificar nominalmente as posições de cada banco. Não quer quebrar sigilos, nem concentrar suspeitas. Quer apenas saber o que houve. Também não quer caçar escândalo, quer que se descubra se alguém tirou partido de informações privilegiadas (põe privilégio nisso). Ele sabe que apesar desses bancos agirem como investidores, não se pode dizer que tenham sido os beneficiários das operações lucrativas que fizeram (põe lucra-

tivas nisso). Eles podem ter agido como simples e legítimos intermediários de clientes.

Diante da denúncia, tanto o Ministério da Fazenda quanto o BC trataram o tema como se fosse coisa velha, portanto

sem importância. Vai aí um erro. O deputado Rubens Paiva foi assassinado em 1971 no quartel da Polícia do Exército, no Rio de Janeiro. Esse crime é coisa velha, mas nem por isso deixa de ser importante descobrir quem o matou (de pancada) e onde o enterraram. Se o nome dos assassinos de Rubens Paiva ainda não é conhecido, isso se deve à eficiência do acobertamento que os protege há 28 anos.

Para que as coisas fiquem mais claras, vai publicado no quadro acima o

movimento de três dos nove bancos. Exemplificam a regularidade com que vinham vendendo dólares e a intensidade com que passaram a comprá-los, no dia 12, véspera da desvalorização. Era último dia da festa da moeda americana a R\$ 1,20. Não estão identificados porque quebra de sigilo não é o negócio de Mercadante. Ele quer saber exatamente o contrário: o que houve com o sigilo da Viúva.

Para que se meça o tamanho do negócio, tome-se o caso do banco A. Comprou US\$ 57,9 milhões a R\$ 1,20. Pagou R\$ 69,5 milhões. Caso tenha decidido vendê-los a R\$ 2 no pânico do dia 29 de janeiro, ganhou R\$ 46,3 milhões em 17 dias, ou R\$ 5.700 por minuto, em jornadas de oito horas. É dinheiro suficiente para pagar a folha de pessoal da Biblioteca Nacional por três anos e ainda sobra um bom troco.

Se o assunto é mesmo velho e irrelevante, os doutores Malan e Fraga poderiam descobrir quem foram os geniais operadores dessas transações, com o único e saudável propósito de integrá-los à cadeia produtiva da ekekonômica.